

A REUTILIZAÇÃO SIMBÓLICA DE MENIRES DO ALENTEJO CENTRAL: O CASO DO MENIR DA CAEIRA (ARRAIOLOS, PORTUGAL)*

LEONOR ROCHA**

Abstract: *Research work carried out in recent decades in menhirs in Alentejo (Portugal) has identified some cases of re-use in later periods, namely the Bronze Age and Roman Period.*

The menhir da Caeira (Arraiolos, Portugal) is presented here as a case study, where a clear ritual (?) re-use in later periods was identified, which proves the maintenance of symbolic practices for a long period of time. Thus, independently of the existing structures and changes between prehistoric societies and those that followed them, a continuity through the maintenance of religious practices associated with ancestral monuments is identified in these cases.

Keywords: *Menhirs; Bronze Age; Roman period; Arraiolos; Portugal.*

Resumo: *Os trabalhos de investigação realizados, nas últimas décadas, em menires do Alentejo (Portugal) têm identificado alguns casos de reutilizações, em períodos posteriores, nomeadamente da Idade do Bronze e do Período Romano.*

Apresenta-se, aqui, como caso de estudo, o menir da Caeira (Arraiolos, Portugal), onde se identificou uma clara reutilização ritual (?) em períodos posteriores o que comprova a manutenção de práticas simbólicas durante um largo período. Assim, independentemente das ruturas e mudanças existentes entre as sociedades pré-históricas e as que se lhe seguiram identifica-se, nestes casos, uma continuidade através da manutenção de práticas religiosas associadas a monumentos ancestrais.

Palavras-chave: *Menires; Idade do Bronze; Período Romano; Alentejo; Portugal.*

1. CARACTERIZAÇÃO DO SÍTIO

O menir da Caeira encontra-se inserido no conjunto tradicionalmente conhecido por «Megalitismo de Pavia» devido aos trabalhos realizados por Correia¹, entre 1914-1918. Na realidade, a distribuição geográfica deste conjunto é mais vasta, abrangendo, de acordo com os limites territoriais atuais, três concelhos, Arraiolos, Mora e Coruche. Em termos arquitetónicos, trata-se de um grupo muito diversificado², quer em termos de megalitismo funerário (antas e pequenas sepulturas protomegalíticas) quer em termos do megalitismo não funerário (menires isolados e recintos megalíticos).

O menir da Caeira foi identificado em 1994, no âmbito do projeto de investigação *Megalitismo e Povoamento de Pavia* — IPPAR (1995-1997), coordenado pela signatária

* Se o *copyright* de tabelas, gráficos e outras imagens não for indicado, pertence à autora deste texto.

** Universidade de Évora (Departamento de História, Largo dos Colegiais 2, 7000 Évora). CEACCP/UAlg — Ref.^a UID/ARQ/0281/2020 — FCT. Email: lrocha@uevora.pt.

¹ CORREIA, 1921.

² ROCHA, 2018.

que submeteu, em 1996, um primeiro pedido de autorização para a sua escavação e recuperação, mas, devido a dificuldades várias, esta intervenção acabou por não se realizar. Volvidos vinte anos, no âmbito de um programa de investigação sobre o megalitismo à escala regional³, voltou-se novamente a este monumento.

Em termos geográficos e administrativos, o menir da Caeira localiza-se no concelho de Arraiolos (Fig. 1), freguesia de Vimieiro, na transição das folhas 409 e 410, da *Carta Militar de Portugal* (coordenadas retangulares WGS84: 21569 | 212516 | 198m).

Morfológicamente, trata-se de um monólito em granito, de secção ovalada, com 5,18 m de comprimento, e que se encontrava tombado, junto a uma azinheira, no lado esquerdo do caminho que conduz ao Monte da Caeira. Apresentava, inicialmente, apenas algumas covinhas, na parte superior/exposta.

2. TRABALHOS DE CAMPO

Os trabalhos de campo realizados no menir da Caeira passaram por duas componentes distintas, uma de escavação arqueológica e outra de prospeção geofísica. As intervenções arqueológicas realizaram-se, maioritariamente, nos anos de 2016 e 2017. No total, foram intervencionados 37 m² (2016: 28 m²; 2017: +3,5 m²; 2019: +5,5 m² [Sond.1: 1,5 m²; Sond.2: 2 m²; Sond.3: 2 m²]), sendo que o alargamento de 2017 e as sondagens de 2019 tinham por objetivo avaliar anomalias registadas nas duas campanhas de geofísica, realizadas no local (Fig. 4). A implantação privilegiada deste monumento, junto a um marco geodésico, permitiu obter uma ligação à rede geodésica nacional e a elaboração da planta topográfica⁴ (Fig. 5).

2.1. A escavação

Os trabalhos arqueológicos realizados no menir da Caeira visavam a escavação integral do sítio, tendo por objetivos: i) avaliar o estado de conservação do menir; ii) identificar o alvéolo e/ou outras estruturas; iii) obter uma caracterização da estratigrafia; iv) identificar espólios de modo a conseguir integrar cronologicamente este monumento; v) conseguir recuperar o menir.

Em relação à metodologia utilizada nesta intervenção, optou-se por seguir, sempre que possível, os pressupostos metodológicos propostos por Barker⁵ e Harris⁶, com registo integral de todas as unidades estratigráficas identificadas.

³ PIPA, *Megalitismo Funerário Alentejano II – MFA II, 2014/2017*, coordenado por Leonor Rocha.

⁴ Esta intervenção foi integralmente financiada pela Câmara Municipal de Arraiolos, tendo o levantamento topográfico sido realizado pelos técnicos da autarquia. O proprietário, doutor Rui Lopes Aleixo — a quem agradecemos a autorização para a realização dos trabalhos arqueológicos — cedeu máquinas para a remoção do menir e trabalhadores para a limpeza da vegetação arbórea.

⁵ BARKER, 1977.

⁶ HARRIS, 1991.

Após a limpeza superficial do terreno, que envolveu o corte da vegetação arbustiva através de meios mecânicos (motosserra) e a definição da quadrícula inicial (posteriormente alargada — ver Fig. 4) iniciou-se a escavação a partir do canto SE. Ao final do primeiro dia, era já evidente que se estava perante um menir que poderia apresentar uma realidade substancialmente complexa, atendendo à identificação de materiais da Idade do Bronze e do Período Romano, na limpeza superficial [0] do terreno. Esta unidade continha, ainda, outro espólio de cronologias muito recente (ferros, vidros, latas de conserva) um pouco por toda a área definida e uma grande concentração de raízes da azinheira, localizadas sobretudo no lado oeste e norte do menir, o que veio a dificultar os trabalhos nesta área e provocar algumas anomalias em termos de estratigrafia. Esta unidade [0] apresentava terras arenosas, claras, em regra muito soltas.

A continuação da escavação da [1] e [2], sobretudo no lado este e sul da quadrícula, começou, desde logo, a confirmar a existência de reutilizações de dois períodos distintos: romano e bronze, com a existência de conjuntos de materiais mais ou menos encostados ao menir. Praticamente à superfície, encontravam-se os espólios do período romano que se apresentavam, por vezes, aparentemente delimitados por pedras de pequena dimensão — note-se que se estava em cotas ainda muito superficiais (entre 5 e 10 cm de profundidade) —, tendo sido individualizadas nas unidades [3], [4], [5], [6] e [7].

Em relação ao alvéolo, a primeira campanha não foi, de todo, conclusiva, uma vez que foram identificadas algumas pedras nos dois polos do menir, bastante descontextualizadas e/ou removidas pelas raízes. No lado poente, no final dos trabalhos de 2016, surgiram também algumas cerâmicas de cronologia romana, no corte, o que, conjugado com as dúvidas existentes em relação ao alvéolo nos levou a realizar uma primeira campanha de prospeção geofísica (Fig. 7), coordenada pelo professor Bento Caldeira, da Escola de Ciência e Tecnologia, da Universidade de Évora. Nesta fase, foram criadas duas grelhas, uma para análise mais geral na área envolvente e outra para uma análise mais fina, no canto SO da escavação, onde existiam cerâmicas. A grelha 1 cobriu uma área de 25x15 m, com perfis retos, paralelos e espaçados em 0,5 m, com uma antena de GPR de 400 MHz; a grelha 2, que pretendia analisar uma área mais localizada de 2 m x 2 m, teve um espaçamento de perfis de apenas 0,25 m e utilizou uma antena de 1.6GHz⁷.

Face às anomalias registadas no georradar, que indicavam áreas com visíveis perturbações no subsolo (Fig. 8), em 2017, procedeu-se, então, ao alargamento da quadrícula para oeste (Fig. 4) e à escavação das unidades [3], [4], [5], [6], [7], [8] e [10]. Do lado este, encostado ao menir, a estratigrafia apresentou-se sempre menos perturbada uma vez que as raízes da azinheira não passaram para este lado, devido à presença do monólito. Os contextos arqueológicos encontravam-se, assim, muito bem preservados, junto ao menir, encontrando-se no topo, praticamente à superfície, as cerâmicas (Fig. 8)

⁷ BEZZEGHOUD, 2020.

e moedas do Período Romano seguidas dos materiais da Idade do Bronze, na maior parte dos casos, sem existência de nenhuma *interface*. Nas áreas mais afastadas do menir, nas unidades [3], [4] e [6], devido à menor potência de solos, e passagem dos arados para os corta-fogos, os dois tipos de espólios encontravam-se, por vezes, mais misturados.

Na campanha de 2017, conseguiu-se rodar o menir (45°) para este, de modo a poder intervencionar a área que se encontrava subjacente. Esta operação permitiu não só identificar de forma inequívoca o alvéolo do menir, como, também, verificar que apresentava outros motivos gravados, na face que se encontrava oculta, raros no contexto do fenómeno menírico alentejano. Em face da complexidade e importância dos resultados obtidos, optou-se por realizar uma segunda campanha de prospeção geofísica, em 2019, num espaço mais alargado, atendendo à possibilidade de poderem ter existido mais menires ou outras estruturas associadas à ocupação da Idade do Bronze ou do Período Romano.

Estes trabalhos permitiram identificar três áreas de interesse, que foram averiguadas em 2019, com a abertura de sondagens específicas (Fig. 4). As sondagens 2 e 3 não revelaram nenhum potencial arqueológico. Na realidade, as anomalias registadas foram provocadas por irregularidades do afloramento (sondagem 2) e pela existência de raízes de uma azinheira (sondagem 3). Na sondagem 1, que se localizava junto ao limite oeste da escavação, foram identificadas mais algumas cerâmicas do Período Romano e da Idade do Bronze, mas de forma mais dispersa.

2.1.1. Unidades Estratigráficas identificadas

- [0]. Camada de terra superficial, arenosa, de tonalidade acinzentada, bastante solta e com muitas raízes e folhas, sobretudo do lado norte da quadrícula. Apresenta alguns materiais de cronologias recentes (vidros, ferros, latas, fragmentos de cerâmica de roda), da Idade do Bronze (cerâmica manual, carenada) e romanos (fragmentos de cerâmicas e moedas).
- [1]. Camada de terras de tonalidade castanho-clara, arenosa, solta, que abarca toda a área intervencionada, com muitas raízes do lado norte — nesta área, possui uma tonalidade mais acinzentada devido a fenómenos de bioturbação. Algum espólio disperso, sobretudo de cronologia recente e também fragmentos de cerâmica manual, de roda e moedas.
- [2]. Nível de terra arenosa, muito solta, com algumas pedras de pequena dimensão que se concentram junto ao topo norte do menir, muito revolvidas por ação das raízes. Algum espólio, sobretudo de cronologia recente e também fragmentos de cerâmica manual, de roda e moedas.
- [3]. Camada que se define junto ao menir, nos quadrados M 6/7 e N7. Areias soltas e claras, com abundantes fragmentos de cerâmica, sobretudo do

- Período Romano e moedas; possui também algumas pedras soltas, que podem corresponder a restos da [13].
- [4]. Bolsa/covacho inserida na [3]. Rodeada por pequenas pedras miúdas e cerâmicas romanas apresenta, no seu interior, terras arenosas, com tonalidade acinzentada. Fragmento de peça metálica em ferro de tipologia impercetível.
 - [5]. Bolsa de terras arenosas de tonalidade acinzentada, na extremidade sul do menir (base); associada a cerâmicas e moedas romanas e manuais (bronze).
 - [6]. Bolsa/covacho delimitada por pedras de pequena dimensão e preenchida com terras arenosas de tonalidade acinzentada associada a cerâmicas e moedas romanas. Inserida na [3].
 - [7]. Camada de terras arenosas soltas, de tonalidade acinzentada, com alguns fragmentos de cerâmica romana no topo, seguida de cerâmicas da Idade do Bronze. Quadrado N7, lado oeste do menir.
 - [8]. Camada de terras arenosas, mais escuras que se encontra subjacente às UE [3], [4] e [5]. Apresenta vasto conjunto de materiais da Idade do Bronze (taças e vasos carenados).
 - [9]. Substrato geológico que se apresenta irregular em termos de forma e de compactidade.
 - [10]. Camada de terras muito escuras junto à raiz da azinheira, lado oeste do menir, com materiais arqueológicos do Bronze Inicial e romanos (incluindo moedas), misturados devido à ação das raízes.
 - [11]. Camada de terras arenosas de tonalidade cinzenta, escura, relativamente solta, que se define do lado oeste do menir; com espólio maioritariamente da Idade do Bronze, mas ainda com alguns fragmentos de cerâmica de roda e moedas, do Período Romano. Subjacente à [1] e encosta à [10].
 - [12]. Cama do menir. Constituída nas laterais por restos das UE [8] a este e [11] a oeste, misturadas com raízes e restos vegetais superficiais. A base apresentava escassa potência de terras; no topo norte existiam algumas pedras, de pequena dimensão que parecem indiciar a existência de restos de uma calçada que teria servido para fazer deslizar o menir para o alvéolo.
 - [13]. Alvéolo do menir. Constituído por pedras de dimensões pequenas e médias; algumas são blocos de granito em desagregação. Entre as pedras existe um areão, compacto que parece resultar do granito alterado que foi escavado para a abertura do alvéolo.

3. OS CONJUNTOS ARTEFACTUAIS

Os materiais recolhidos no menir da Caeira ascendem, atualmente, a mais de mil registos, mas o trabalho de tratamento do espólio (marcação, descrição e desenhos) ainda não se encontra concluído. Em termos gerais, podemos dividir em dois grandes

grupos, atendendo às cronologias, Grupo 1: cerâmicas manuais, da Idade do Bronze; Grupo 2: cerâmicas a torno e metais, do Período Romano:

Grupo 1. Este conjunto é o mais volumoso sendo maioritariamente constituído por recipientes carenados, cujos diâmetros de abertura não parecem ultrapassar os 24 cm. Na realidade, a amostra analisada até ao presente aponta para peças pequenas, com carenas baixas ou médias e diâmetros em torno dos 10 cm. Alguns destes vasos carenados apresentam pequenas asas ou mamilos na carena (Fig. 10). Apresenta-se em bom estado de conservação geral.

Grupo 2. No que respeita aos materiais do Período Romano, a cerâmica de roda apresenta maiores dificuldades de caracterização, em termos de formas e dimensões. Aparentemente, os fragmentos correspondem a vasilhas de dimensões médias a grandes, sendo que algumas são seguramente ânforas, pois recuperou-se parte de bordo ou fundo, além de alguns fragmentos de cerâmicas comuns e alguns (raros) fragmentos de imbrices e tegulae. Integram, ainda, este grupo um conjunto significativo de moedas (18) e uma peça metálica, que se encontra em fase de limpeza específica e estudo (Fig. 11). Este conjunto será publicado em conjunto com outros colegas especialistas no Período Romano e numismática.

4. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES: AS DIFERENTES FASES DE OCUPAÇÃO DO SÍTIO

Determinados elementos de la ideología religiosa que sustentó originalmente la erección de dichos monumentos resistieron el paso de periodos de tiempo extraordinariamente largos, siendo percibidos, identificados, interpretados y reinterpretados por sucesivas generaciones de acuerdo con las cambiantes condiciones sociales y culturales imperantes⁸.

A intervenção arqueológica realizada no menir da Caeira permitiu identificar várias ocupações, cronologicamente integráveis entre o Neolítico Antigo e o Período Romano. Estas evidências, comprovadas de forma inequívoca pela estratigrafia, espólios e estruturas identificadas, confirmam a existência de complexos rituais em torno deste tipo de monumentos, em períodos posteriores à sua construção e utilização inicial. Infelizmente, o tipo de solos existente nesta área não permite uma boa conservação dos restos osteológicos, pelo que não nos é possível relacionar estas ocupações com utilizações funerárias.

⁸ GARCÍA SANJUÁN, GARRIDO GONZÁLEZ, LOZANO GOMÉZ, 2007: 110.

Com base nas evidências registadas, parece-nos possível identificar, pelo menos, cinco fases no menir da Caeira:

- 1) Fase I: construção. A escavação do menir da Caeira permitiu perceber que o afloramento rochoso se encontra muito à superfície, em média entre 20 a 30 cm de profundidade, e terá sido rebaixado para a abertura do alvéolo [13], mas, também, para criar uma espécie de rampa, virada a norte, que permitisse deslizar o menir. Aparentemente, esta rampa também poderá ter possuído algumas pedras, tipo calçada [12], à semelhança do que foi registado, por exemplo, no menir do Barrocal, em Reguengos de Monsaraz, intervencionado por Calado, em 1996. A escavação e posterior rotação do menir, para nascente, permitiu verificar que a sua base assentava sobre o próprio alvéolo o que possibilitou a sua conservação bem como parte da coroa de sustentação. Desta fase, muito provavelmente do Neolítico Antigo, apesar de não se ter encontrado qualquer espólio deste período (à exceção de algumas lascas de quartzo) restam, assim, a estrutura do alvéolo, o menir e a decoração.
- 2) Fase II: derrube. Sobre esta fase, não possuímos qualquer testemunho que nos indique se se tratou de um fenómeno natural ou intencional. Na realidade, se o terreno manteve as suas mesmas características no decurso dos últimos seis/sete mil anos, é provável que o menir tenha tombado por falta de sustentabilidade, uma vez que o alvéolo se apresenta pouco profundo. Apesar de desconhecermos a data em que esta fase ocorreu, a ausência de cerâmicas da Idade do Bronze por baixo do menir dá-nos um *terminus ante quem*.
- 3) Fase III: Bronze Inicial. Esta fase encontra-se muito bem representada no lado nascente, poente e lado sul do menir (base), encontrando-se praticamente ausente no lado norte (topo do menir). Os abundantes materiais arqueológicos recolhidos (dezenas de fragmentos de pequenas taças carenadas — alguns inteiros — bordos simples e bojos), por vezes depositados em conjuntos que integravam mais de uma dezena de exemplares, encontravam-se imediatamente abaixo do espólio romano, alguns com uma *interface* onde surgem misturados com o estrato seguinte, o que indicia que teria existido pouca sedimentação entre estas duas fases. Esta reutilização não é única em termos de monumentos megalíticos não funerários, tendo sido registadas ocorrências similares no Recinto Megalítico da Portela de Mogos⁹, nos menires de São Sebastião¹⁰ ou, ainda, no Arneiro dos Pinhais¹¹.

⁹ GOMES, 1997.

¹⁰ CALADO, 2004.

¹¹ MATALOTO, 2018.

- 4) Fase III: época romana. A escavação do menir da Caeira permitiu identificar uma ocupação que corresponderá, também, a um período de utilização/reutilização votiva (religiosa ou funerária) do Período Romano, representada por inúmeros fragmentos de cerâmica romana, moedas e uma peça metálica muito degradada. Ao contrário de outras reutilizações do Período Romano identificadas em monumentos megalíticos funerários que foram, em regra, bastante destrutivas¹², neste caso, verifica-se que as deposições foram realizadas diretamente o estrato com os materiais da Idade do Bronze Inicial, sem a sua remoção e/ou destruição. Os materiais desta fase integram cerâmicas comuns, restos de ânforas, escassos fragmentos de *imbrices* e *tegulae*, um fragmento de um artefacto em ferro e um conjunto de dezoito moedas (algumas muito erodidas), dos finais do império (séculos III-IV d. C.).
- 5) Fase IV: Período Contemporâneo. Por fim, a última fase corresponde a episódios registados em meados do século XX, muito provavelmente associados a caçadores e/ou a agricultores que utilizaram o menir derrubado como mesa, deixando ficar alguns materiais/embalagens de comida (vidros e latas de conserva), na área.

No que diz respeito ao menir da Caeira, apesar de existirem reocupações e/ou reutilizações em monumentos megalíticos funerários deste conjunto megalítico, quer da Idade do Bronze quer do Período Romano, não se conhece nenhum povoado do Bronze na área, não obstante tanto o concelho de Mora como o de Arraiolos terem sido abrangidos, recentemente, por projetos de prospeção com vista à elaboração da carta arqueológica¹³. No caso do Período Romano, apesar desta área específica parecer ser bastante marginal no que concerne à ocupação romana existente no Alentejo, existe uma *villa* a cerca de cinco quilómetros a NE do menir e um eventual casal romano a cerca de 1,5 quilómetros a NE, na margem norte da Ribeira de Têra. No entanto, há uma importante necrópole de incineração sidérica (séculos VI-IV a. C.) associada a um alinhamento de menires¹⁴ a cerca de 2,2 quilómetros a NO deste menir e um povoado, provavelmente coevo desta necrópole, a um quilómetro a NE (Fig. 1).

Naturalmente que, quando observamos estes dois conjuntos de materiais, se torna evidente que se trata de uma ocupação claramente simbólica, uma vez que os espólios são muito específicos, não estando presentes os típicos conjuntos artefactuais existentes em contextos habitacionais. Por outro lado, apesar de terem sido identificados níveis e/ou espólios do Período Romano em outros menires e recintos da região¹⁵ nenhum apresenta características similares às observadas no menir da Caeira, ou por serem

¹² ROCHA, 2016.

¹³ ROCHA, SANTOS, BRANCO, 2013; CALADO, ROCHA, ALVIM, 2012.

¹⁴ ROCHA, MATALOTO, 2012; ROCHA, 2003; DUARTE, ROCHA, PINHEIRO, 2003.

¹⁵ CALADO, ROCHA, ALVIM, 2007; CALADO, 2004; ALVIM, ROCHA, 2011.

pouco expressivos (caso do Menir do Alto da Cruz) ou por se tratar de um eventual episódio de violação/destruição (caso do recinto das Fontainhas).

Leonardo García Sanjuán refere que:

*La utilización continuada de espacios monumentalizados como lugares sagrados y de enterramiento por parte de comunidades de la Edad del Bronce y de la Edad del Hierro, e incluso después de la extensión del imperio romano primero y el cristianismo después, constituye un robusto fenómeno cultural que apenas ha comenzado a ser comprendido*¹⁶.

Infelizmente, para o caso do Alentejo, esta realidade pode estar irremediavelmente comprometida, uma vez que a esmagadora maioria dos monumentos megalíticos foi intervencionada na primeira metade do século XX. Apesar de, nos últimos anos, se ter vindo a investir na reanálise de monumentos e espólios¹⁷ quando conjugamos arquiteturas/espólios e cronologias¹⁸, percebemos que este fenómeno é muito mais complexo do que se supunha inicialmente, e a ausência de estratigrafias seguras (com recolha de todo os espólios existentes), poderá vir a constituir um sério entrave à compreensão de inúmeros sítios arqueológicos.

Por último, este quadro de utilizações e reutilizações de monumentos megalíticos existente no Alentejo, apesar dos matizes ou especificidades inerentes a cada um dos sítios¹⁹, deverá também ser analisado de forma mais atenta, num quadro transregional. De facto, temos, nos últimos anos, alguns trabalhos que se debruçam sobre esta temática²⁰ e que nos reportam a existência deste tipo de ocorrências, pelo menos em termos peninsulares, e que necessitam de ser revistos e reanalisados de modo a poderem estabelecer-se eventuais padrões em termos geográficos e cronológicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVIM, Pedro; ROCHA, Leonor (2011). *Os menires do Alto da Cruz: novos dados e algumas reflexões sobre o Megalitismo da área de Brotas (Mora)*. «Revista Portuguesa de Arqueologia». 14, 41-55.
- BARKER, Philip (1977). *Techniques of Archaeological Excavation*. Londres: Bastford.
- BEZZEGHOUD, Maissa (2020). *Aplicação de técnicas geofísicas não invasivas à prospecção de sítios Pré-históricos do Alentejo Central: 3 casos de estudo*. Évora: Universidade de Évora. Dissertação de mestrado.
- CALADO, Manuel (2004). *Menires do Alentejo Central. Génesis e evolução da paisagem megalítica regional*. Lisboa: FLL. Tese de doutoramento.

¹⁶ GARCÍA SANJUÁN, GARRIDO GONZÁLEZ, LOZANO GOMÉZ, 2007: 110.

¹⁷ MATALOTO, 2018; ROCHA, 2005, 2015, 2016, 2017, 2020a, 2020b.

¹⁸ ROCHA, 2020a.

¹⁹ CALADO, 2004; GOMES, 1997; MATALOTO, 2018; OLIVEIRA, 1993; ROCHA, 2005, 2015; ROCHA, MIRÃO, 2018.

²⁰ GARCÍA SANJUÁN, 2005; GARCÍA SANJUÁN, GARRIDO GONZÁLEZ, LOZANO GOMÉZ, 2007; COSTELA MUÑOZ, 2017.

- CALADO, Manuel; ROCHA, Leonor; ALVIM, Pedro (2007). *Neolitização e Megalitismo: o recinto megalítico das Fontainhas (Mora, Alentejo Central)*. «Revista Portuguesa de Arqueologia». 10:2, 75-100.
- CALADO, Manuel; ROCHA, Leonor; ALVIM, Pedro (2012). *O tempo das Pedras. Carta Arqueológica de Mora*. Mora: Câmara Municipal de Mora.
- CORREIA, Vergílio (1921). *El Neolítico de Pavia*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas (Memoria; 27).
- COSTELA MUÑOZ, Yolanda (2017). *La pervivencia de la ideología megalítica durante el II y I milenios a.n.e. Un caso de estudio: el sur de Portugal*. «Revista Portuguesa de Arqueologia». 20, 45-60.
- DUARTE, Cidália; ROCHA, Leonor; PINHEIRO, Vanda (2003). *A necrópole da 1.ª Idade do Ferro do Monte da Têra (Pavia)*. In MATEUS, José Eduardo; MORENO-GARCÍA, Marta, eds. *Paleoecologia Humana e Arqueociências: um Programa Multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura*. Lisboa: IPA, pp. 269-270. (Trabalhos de Arqueologia; 29).
- GARCÍA SANJUÁN, Leonardo (2005). *Las piedras de la memoria. La permanencia del megalitismo en el Suroeste de la Península Ibérica durante el II y I milenios ane*. «Trabajos de Prehistoria». 62:1, 85-109.
- GARCÍA SANJUÁN, Leonardo; GARRIDO GONZÁLEZ, Pablo; LOZANO GOMÉZ, Fernando (2007). *Las piedras de la memoria (II). El uso en época romana de espacios y monumentos sagrados prehistóricos del Sur de la Península Ibérica*. «Complutum». 18, 109-130.
- GOMES, Mário Varela (1997). *Cromeleque da Portela de Mogos. Um monumento sócio-religioso megalítico*. In SARANTOPOULOS, Panagiotis, ed. *Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora, pp. 35-40.
- HARRIS, Edward C. (1991). *Princípios de estratigrafia arqueológica*. Barcelona: Editorial Crítica.
- MATALOTO, Rui (2018). *Who's U? Um santuário da Idade do Bronze no Cromlech do Arneiro dos Pinhais (Lavre/Ciborro-Montemor-o-Novo)*. «Almansor». 3.ª Série. 3, 5-42.
- OLIVEIRA, Jorge (1993). *Reutilização e reaproveitamento de materiais em sepulturas megalíticas do Nordeste Alentejano*. In JORGE, Vítor Oliveira, coord. *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: SPAE, vol. I, pp. 131-137.
- ROCHA, Leonor (2003). *O monumento megalítico do Monte da Têra (Pavia, Mora), Sector 2: resultados das últimas escavações*. In GONÇALVES, Vítor, ed. *Muita gente, poucas antas? Origens, Espaços e contextos do Megalitismo*. Lisboa: IPA, pp. 339-350. (Trabalhos de Arqueologia; 25).
- ROCHA, Leonor (2005). *As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Lisboa: FLL. Tese de doutoramento.
- ROCHA, Leonor (2015). *The Funerary Megalithic of Herdade das Murteiras (Évora, Portugal): the (re) use of the spaces. Death as Archaeology of Transition: Thoughts and Materials*. In ROCHA, Leonor; BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BRANCO, Gertrudes, eds. *Death as Archaeology of Transition: Thoughts and Materials Papers from the II International Conference of Transition Archaeology: Death Archaeology, 29th April — 1st May 2013*. Oxford: BAR, pp. 221-230. (BAR International Series; 2708).
- ROCHA, Leonor (2016). *Percorrendo antigos [e recentes] trilhos do Megalitismo Alentejano*. In SOUSA, Ana Catarina; CARVALHO, António; VIEGAS, Catarina, eds. *Terra e Água. Escolher Sementes, invocar a Deusa. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves*. Lisboa: UNIARQ/FLUL, pp. 167-177. (Estudos & Memórias; 9).
- ROCHA, Leonor (2017). *Menir da Caeira (Vimieiro, Arraiolos). Relatório Técnico-científico Final*. Acessível nos Arquivos da DGPC. Lisboa, Portugal.
- ROCHA, Leonor (2020a). *Datações absolutas para contextos funerários do Sul de Portugal: algumas reflexões em torno das arquiteturas e dos espólios*. «Scientia Antiquitatis». 2:2020, 81-104.

- ROCHA, Leonor (2020b). *Where were the dead buried in Recent Prehistory? The problem of architectures versus chronologies in Central Alentejo (Portugal)/ Onde se enterravam os nossos mortos na Pré-história Recente?: O problema das arquiteturas versus cronologias no Alentejo Central (Portugal)*. In COUSSEAU, Florian; LAPORTE, Luc, eds. *Pre and Protohistoric Stone Architectures. Comparisons of the social and technical contexts associated to their building*. Oxford: BAR, pp. 86-94. (Proceedings of the XVIII UISPP World Congress, 4-9 June 2018, Paris, France; 1).
- ROCHA, Leonor; MATALOTO, Rui (2012). *O conjunto megalítico do Monte da Têra. O tempo das Pedras. Carta Arqueológica de Mora*. Mora: Câmara Municipal de Mora.
- ROCHA, Leonor; MIRÃO, José (2018). *Novos dados sobre o megalitismo de Mora: a Anta do Pequito Velho (Mora, Portugal)*. «Scientia Antiquitatis». 2:2018, 2184-1160.
- ROCHA, Leonor; SANTOS, Ivo; BRANCO, Gertrudes (2013). *Património(s) de Arraiolos*. Arraiolos: Câmara Municipal de Arraiolos.

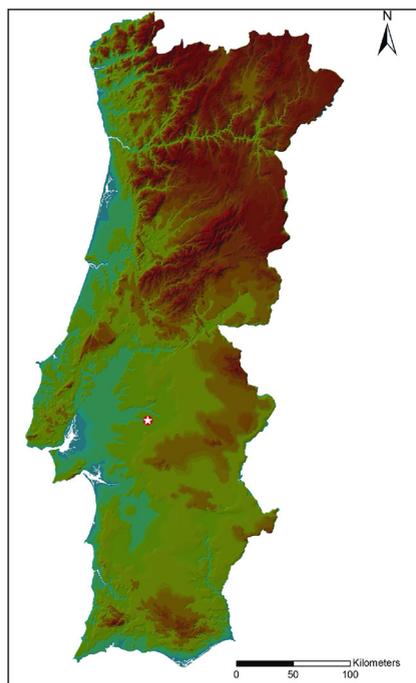


Fig. 1. Localização do sítio em termos nacionais

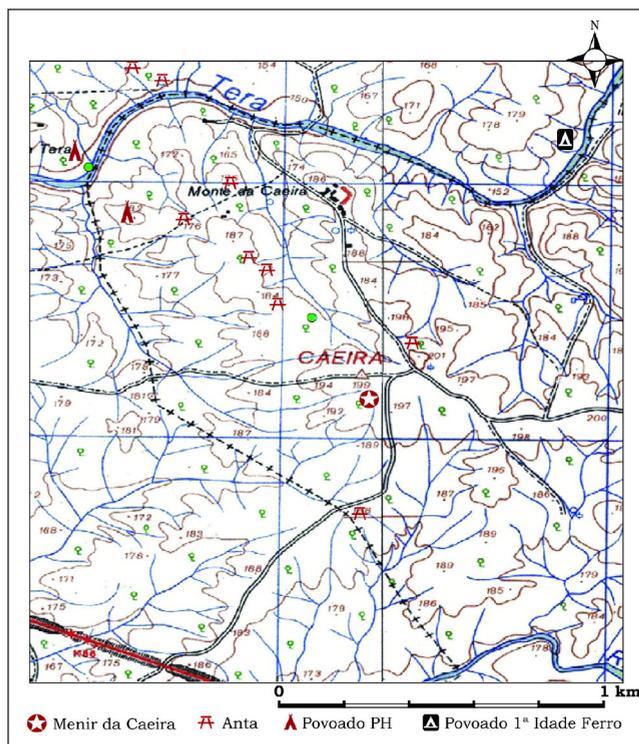


Fig. 2. Enquadramento arqueológico do Menir da Caeira



Fig. 3. Aspeto do menir no início dos trabalhos arqueológicos, em 2016

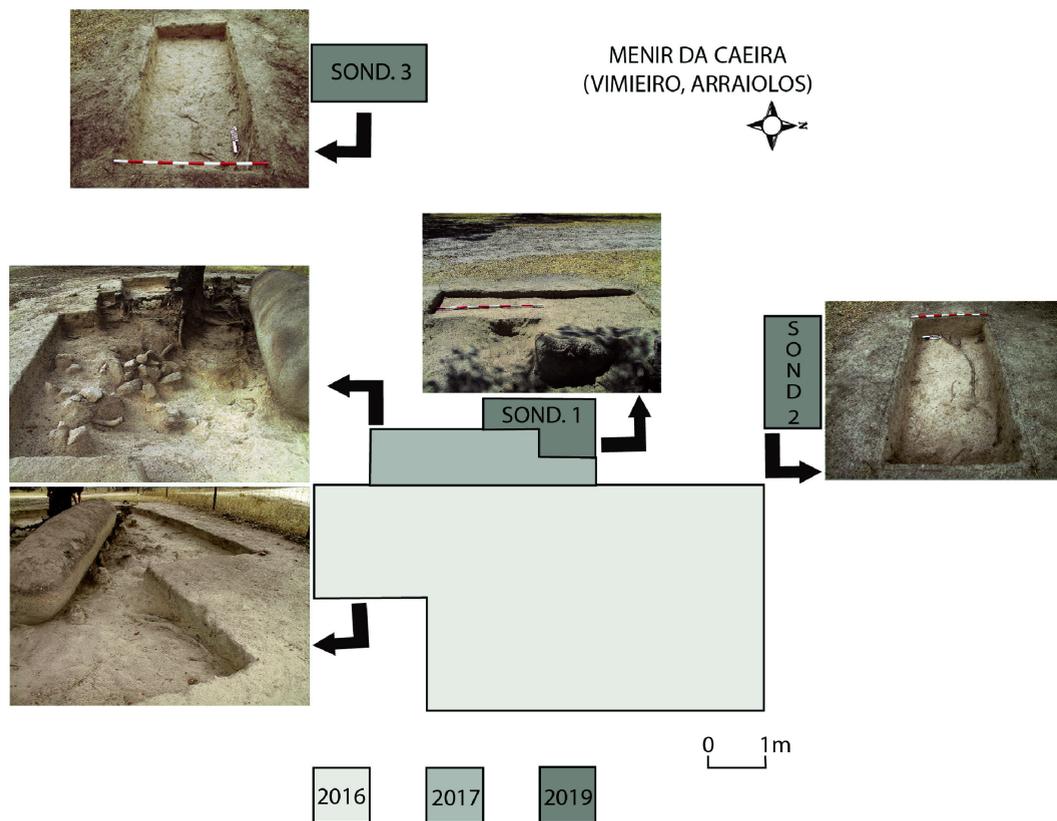


Fig. 4. Planta geral com indicação das áreas intervencionadas, por ano

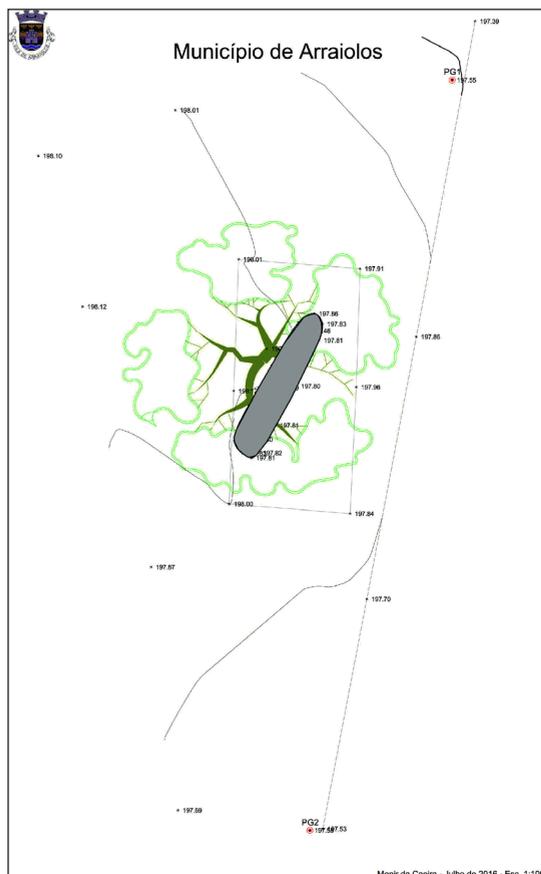


Fig. 5. Levantamento topográfico realizado pelos Serviços Técnicos da autarquia de Arraiolos

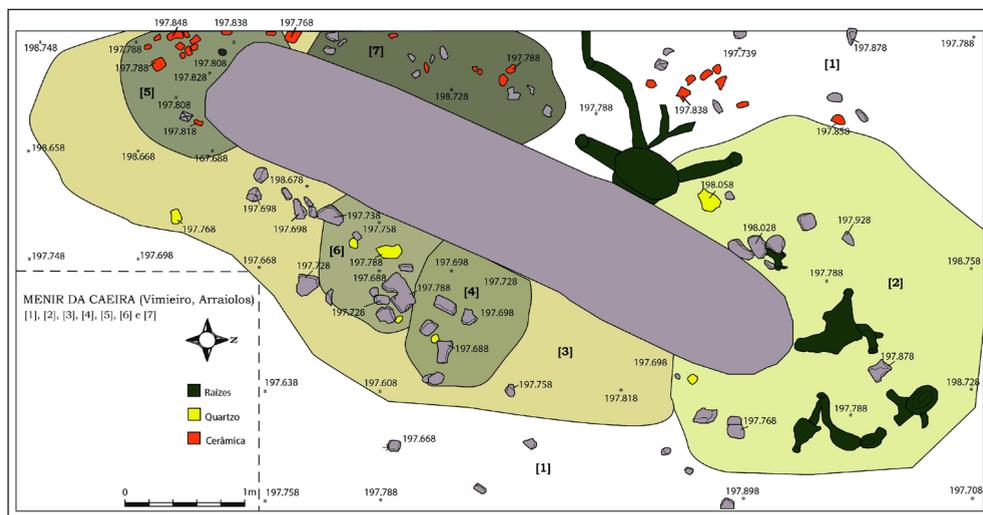


Fig. 6. Planta com indicação das U.E. 1 a 7



Fig. 7. Campanha de prospeção geofísica com georadar



Fig. 8. Pormenor das cerâmicas romanas na [3]

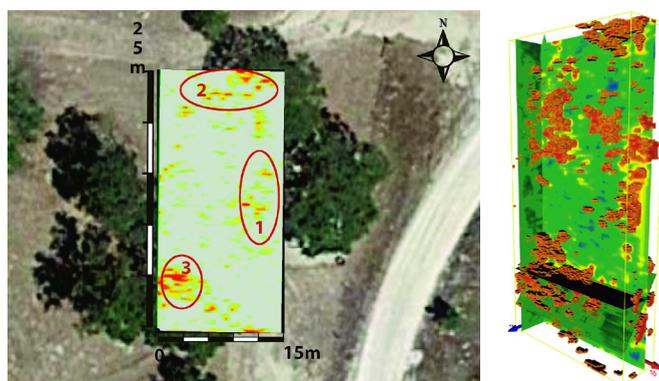


Fig. 9. Resultados da prospeção geofísica realizada em 2019



Fig. 10. Localiza o dos depósitos da Idade do Bronze, no lado oeste do menir, e pormenor do espólio recolhido



Fig. 11. Pormenor do espólio romano da U.E. 3, lado este do menir, e de duas das moedas recolhidas